

# O conceito de analogia na obra de diferentes autores do Período Romano

(The concept of analogy in the work of different authors of the Roman Period)

**Antonio Carlos Silva de Carvalho**

Estudos Estilísticos – Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)  
GT Gramáticas: História, Descrição e Discurso

carlosca@usp.br

**Abstract:** This paper aims to discuss how certain authors of the Roman period helped to spread the use of the term analogy — the main point of the famous Greek controversy about the origin of language — in Latin: Cicero (106-43 BC), who was influenced by the ancient literary monuments and an exemplary orator for the Latin rhetoric, lived in a time of incipient Roman literary language in which the rules of good speaking and writing were taught and followed by writers from different areas; Suetonius (75-160 AD), a great Latin historian was a private secretary of the emperor Hadrian and devoted his last years to the preparation of an encyclopedic work on the history of language and literature; Aulus Gellius (born 130 AD), a rich source of information about the knowledge and studies of his days, wrote about literature, philosophy, dialectic, arithmetic, law, history and others.

**Keywords:** analogy; comparison; Cicero; Suetonius; Aulus Gellius.

**Resumo:** Este artigo visa a discutir como certos autores do Período Romano ajudaram a propagar o uso do termo analogia — centro de famosa controvérsia grega sobre a origem da linguagem — no cenário latino: Cícero (106-43 a.C.), muito influenciado pelos antigos monumentos literários e orador modelo para toda a retórica latina, viveu num tempo, incipiente da língua literária romana, em que ensinar as normas do bem falar e do bem escrever coube a escritores de áreas distintas; Suetônio (75-160 d.C.), grande historiador latino, foi secretário particular do imperador Adriano e dedicou seus últimos anos à preparação de um trabalho enciclopédico sobre a história da linguagem e da literatura; Aulo Gélio (nascido em 130 d.C.), rica fonte de informação acerca do conhecimento e dos estudos de sua época, escreveu sobre literatura, filosofia, dialética, aritmética, direito, história e outras.

**Palavras-chave:** analogia; comparação; Cícero; Suetônio; Aulo Gélio.

## Introdução

Após termos discorrido em outro artigo sobre o problema da analogia na obra de Varrão, autor da primeira gramática da língua latina, buscamos agora discutir problema semelhante focando autores de áreas afins.

Relativamente aos latinos,<sup>1</sup> o Período Romano abrange as doutrinas produzidas em Roma que datam de 169 a.C. a 530 d.C., ou seja, até o início do Período Bizantino (529 a 1000 d.C.).<sup>2</sup> Apresenta três fases, a saber: a primeira fase vai da chegada de Crates de Malos a Roma ao Século de Augusto; a segunda, vai do final do Século de Augusto a 300 d.C.; a terceira fase vai de 300 a 530 d.C.

1 Este artigo é parte de um trabalho maior sobre a *analogia* que ora buscamos divulgar.

2 As denominações dos períodos são as utilizadas por Sandys (1915, p. 51-72).

Segundo essa divisão, discorreremos neste artigo sobre um autor da primeira fase, Cícero, e sobre dois da segunda, Suetônio e Aulo Gélcio, os quais, embora não tenham trabalhado diretamente com Gramática, utilizaram-se da analogia e ajudaram em sua propagação nos estudos da linguagem.

### Marco Túlio Cícero

Cícero (106-43 a.C.), muito influenciado pelos antigos monumentos literários e orador modelo para toda a retórica latina, viveu num tempo, incipiente da língua literária romana, em que ensinar as normas do bem falar e do bem escrever coube seja a retóricos seja a gramáticos. Assim, nitidamente preocupado com o uso consciente das formas linguísticas, por sua estatura, certamente somou à controvérsia suscitada pelo uso do termo analogia.

É de seu livro *Cartas a Ático* o trecho a seguir:

3. [...] Por outro lado, eu sabia que era necessário ser dito “*Phliasios*” [“*flíásios*”]; fazo assim como conheces, da mesma maneira que conhecemos. Mas a *ἀναλογία* me havia enganado; Φλιοῦς ‘*Fliunte*’, Ὀποῦς “*Opunte*”, Σιποῦς “*Siponto*”, relativamente a Ὀπούντιοι “*orúncios*”, Σιπούντιοι “*sipontenses*”. Mas isso corrigimos imediatamente.<sup>3</sup> (BAILLY, 1937, I, VI, II-3, p. 404-406)

Esse excerto é particularmente importante por demonstrar que, mesmo não tendo correspondido às expectativas em questão, Cícero se utilizou da analogia para estabelecer critérios gramaticais de escrita. Também, por ter sido a analogia, ou seja, a ideia de “regularidade das formas gramaticais” que lhe veio primeiro à mente, tem-se que o autor pende para o lado dos alexandrinos, adotando a analogia alexandrina.

Quanto ao fato em si, deu-se objetivamente que, partindo de Φλιοῦς (“*Fliunte*”), nominativo singular terminado em –οῦς (“-ous”), além de substantivo próprio designativo de lugar; diante de palavras com características idênticas, Ὀποῦς (“*Opunte*”) e Σιποῦς (“*Siponto*”), o autor, tendo em mente Φλιάσιοι (*Phliasios*, “*flíásios*”), adjetivo gentílico plural de Φλιοῦς, concluiu, por analogia, que, em iguais condições, os correspondentes adjetivos gentílicos daqueles seriam algo em torno de Ὀπάσιοι e Σιπάσιοι, o que, pelo exposto, não corresponde à realidade, visto que eles seguem outro paradigma, orientados por variações dialetais.

Possivelmente, Cícero entrou em contato com algum registro de um escritor – ou com comentários da Academia — que lhe servia de modelo e constatou o equívoco de sua conclusão; convém observar que essa prática ajudou na fixação de formas linguísticas de derivação. Quanto ao raciocínio que Cícero utilizou no excerto, trata-se daquele que, sobretudo a partir de Saussure, se costumou chamar de “quarta proporcional”.<sup>4</sup>

Neste outro excerto de Cícero, extraído de uma tradução que fez do livro de Platão, *Timeu*, há outra ocorrência do termo:

6. [...] Mas o mais apto e mais belo dos vínculos é aquele que produz, tanto quanto possível, um único ser de si e daqueles que estreita, o que perfeitamente em grego pode ser

3 No original: “3. [...] ‘*Phliasios*’ autem dici sciebam, et ita fac ut habeas; nos quidem sic habemus. Sed primo me *ἀναλογία* deceperat, Φλιοῦς, Ὀποῦς, Σιποῦς, quod Ὀπούντιοι, Σιπούντιοι. Sed hoc continuo correximus”.

4 Cf. Melo (1975, p. 268).

chamado ἀναλογία, e em latim — de fato, deve-se ousar, já que essas coisas primeiramente são inovadas por nós — pode ser chamado “*comparação por parte*”.<sup>5</sup> (TEUBNER, 1965, 161<sup>b</sup>, 13-18)

Note-se que Cícero, ao verter para o latim o texto de Platão, ciente de estar diante de uma palavra controversa, tem o cuidado de buscar uma definição, e não uma simples tradução para ela. Está claro que o sentido de ἀναλογία nesse excerto não é o mesmo do anterior; por *comparatio* “comparação” e *pro portione* “por parte” serem expressões frequentemente tidas como sinônimas de analogia, é conveniente fazer algumas observações, no primeiro caso, baseadas em Saraiva (2006, s. v.).

- (01) *Cōmpārāiō*, *-ōnīs*, s. ap. f. (de *comparare*). 1º Comparação, cotejo, confrontação; 4º Analogia, relação, conformidade, semelhança. [...] (p. 258)
- (02) *Cōmpārō*, *ās*, *āvī*, *ātūm*, *ārē* [*comparare*], v. trans. (de *compar*). 1º Reunir, ajuntar; 3º Comparar, confrontar, pôr em paralelo. [...] (p. 259)
- (03) *Cōmpār*, *āris*, adj. Igual, semelhante. [...] (p. 258)
- (04) *Cōm*, arc. Em vez de *Cum*. (p. 249)
- (05) *Cūm*, prep. De abl. 1º Com, em companhia de. [...] (p. 324)
- (06) *Pār*, *pāris*, adj. 1º Igual, parêlo; igual em força, em talento; rival; que é de condição igual; um igual. (p. 842)

Dos três formantes da palavra *comparatio* “comparação”, *cōm* (“com”) mantém quase nenhuma relação significativa com ἀνά; seu núcleo significativo, *pār* (“igual”), repousa na ideia de “igualdade”, que, por extensão, aponta gradativamente para as noções de “semelhança” e analogia, porém, bem distante do sentido de λόγος; quanto a *(t)īōnē* (“-ção”), trata-se de um sufixo que indica ação ou seu resultado, o que, absolutamente, não caracteriza o sufixo -ία.

Assim, pode-se dizer por esse levantamento que uma tradução da palavra analogia por “comparação” não é plenamente satisfatória, ou seja, se mostraria suficiente em certas situações, mas não em outras.

Quanto à outra expressão, *pro portione*, com o tempo, seus formantes se uniram, e o sentido que ficou foi o de “proporção”; por isso, convém uma análise etimológica.

De fato, *prōpōrtiō* (*-ōnīs*) (“proporção”), constitui-se, em latim, de três elementos: *prō* + *pōr* + *(t)īōnē*; porém, o próprio excerto de Cícero já aponta um estágio em que apenas dois elementos se mostram separáveis, *prō* “pro”) e *pōrtiōnē* (“porção”), em que o prefixo *prō* se junta ao vocábulo primitivo *-pōrtiōne*, caracterizado por ter sua base num núcleo nominal.

Conforme afirma Romanelli (1964, p. 97-101), *prō* é um prefixo de origem indo-europeia que, etimologicamente, significa “diante, adiante, à frente”. Quanto ao núcleo significativo, *pōrtiō*, *-ōnīs*, tem a seguinte origem, de acordo com Augé *et alii*:

---

5 No original: “6. [...] sed vinculorum id est aptissimum atque pulcherrimum, quod ex se atque de is quae stringit quam maxime unum efficit. id optime adsequitur quae Graece ἀναλογία, Latine — audendum est enim, quoniam haec primum a nobis novantur — comparatio pro portione dici potest.”

*RE* – I. (latim) contar. / *Rei* contar, pensar, julgar; *ratus* que é contado, aprovado; *irritus* que não conta, vão; *ratio* conta, razão, método; *ratiocinari* calcular. — *portio* (da locução *pro-ratione*) proporção, porção; *proportio* (do ablativo *pro portione*) proporção. [...] <sup>6</sup> (1949, p. 171)

Ainda, de acordo com Saraiva (2006), é da mesma raiz do latim *pārs* (*pārs*, *pārtis*) (“parte”, “quinhão”, “porção”). Unindo os dois elementos, “pro” e “porção”, pode-se chegar à seguinte ideia acerca da palavra “proporção”: “em face da parte”, “por parte”.

Pelo exposto, vê-se claramente que, seja quem tenha sido o autor a transladar do grego para o latim o termo analogia pelo termo “proporção”, o fez levando em conta a noção de “divisão” que ambos encerram, porém, como toda tradução, os termos não guardam a mesma significação; de saída, enquanto analogia tem o sentido de “algo que aponta para trás”, devido ao *ἀνά*, “proporção” tem o sentido de “algo que aponta para a frente”, ou de “algo estático”, devido ao *πρό*; de qualquer forma, pelo significado da palavra “proporção”, intimamente ligado à Matemática, é compreensível que tenha sido usada por alguns autores como sinônimo de analogia, sobretudo se se considerar que esta tem sua origem associada a geômetras. Mais que isso, pode-se dizer que, de todas as palavras que pelo sentido etimológico podem ser utilizadas para traduzir a palavra *ἀναλογία* para o latim, *proportio* é a mais adequada.

Portanto, é expressiva a afirmação de Cícero da necessidade de se ousar na tradução, pois demonstra a dificuldade de se encontrar um substituto para o termo grego. Pode-se dizer que sua proposta é mais abrangente que a opção por um ou por outro dos termos separadamente, no entanto, há situações em que seria inviável.

Ainda, a passagem “Mas o mais apto e mais belo dos vínculos é aquele que produz, tanto quanto possível, um único ser de si e daqueles que estreita” nos permite aplicar a ideia de analogia segundo esta descrição: “relação entre dois elementos a partir de um ponto, que implica um terceiro elemento”, que propomos e que utilizamos para explicar como se dão os processos analógicos.

De modo geral, são três os processos analógicos possíveis; no entanto, devido sobretudo às diferentes aplicações técnicas a que o termo foi submetido, uma série de especificações lhe foram atribuídas, acrescentando a essas três possibilidades básicas outras combinações — que serão abordadas em oportunidades futuras. Assim, os processos analógicos ocorrem da seguinte maneira — esta ordem não contempla qualquer juízo de valor, foi estabelecida apenas para efeito didático:

- No primeiro caso, tem-se um elemento A, que “inicia a relação”; um *λόγος* (“logos”) *L*, que se caracteriza como o “ponto de relação”; e, a partir disso, tem-se o terceiro elemento B, que “completa a relação”; a representação desse processo analógico pode ser:  $A + L \Rightarrow B$ .
- Às vezes, o segundo elemento B é dado; então, vai-se em busca do (*L*). No entanto, uma análise acurada revela que o caminho é praticamente o mesmo, pois vai-se em busca do “ponto de relação” *L*, para se estabelecer a “relação entre dois elementos” — evidentemente, pode ocorrer mudança de ponto de partida, ou seja, A passar para B e B passar para A, mas isso não é significativo —; representamos esse processo da seguinte maneira:  $A + B \Rightarrow L$ ,

6 No original: “RE– I. (latin) computer. “Reri, ratus”, comptet, puis juger; “ratus”, qui est compté, d’où approuvé; “irritus”, qui ne compte pas, vain; “ratio”, compte; raison; méthode; “ratiocinari”, calculer. — “portio” (issu de la locut. “pro-ratione”), proportion, portion; “proportion” (de ablat. “pro portione”), proportio. [...]”

- Também ocorre de um dos elementos ser “aparentemente” o próprio *L*; igualmente, vê-se não haver mudança considerável no processo, pois o distanciamento em busca do *L*, que “inicia a relação”, acaba sempre se efetuando; de qualquer modo, para diferenciarmos esse tipo de *L*, convém seja utilizado *L*; a representação do processo pode ser:  $A + B \Rightarrow L$ .

Outro fato a ser mencionado é que o processo analógico não exige mais de “um ponto de relação” entre os elementos; isso possibilita o surgimento de uma cadeia de novos elementos. Exemplificando: após um processo analógico em que um (*L*) de (*A*), ou o próprio (*A*), leva a (“inicia a relação” com) (*B*), a partir de um (*L*) (“ponto de relação”) de (*B*), temos, evidentemente, (*B*); porém, continuando o processo, obtendo-se *verbi gratia* (*C*), (*C*) não precisará ter qualquer (*L*) relacionando-o diretamente a (*A*); o que afasta (*A*) do processo, mantendo a quantidade de elementos iniciais e reforçando a proposição de que a analogia se dá sempre entre três elementos — evidentemente, à parte o sujeito que a faz e entendendo-se o (*L*) como um elemento. Assim, acrescentando-se outros processos como esse, é possível chegar a uma cadeia ilimitada — observe-se que nada impede o retorno a um elemento já presente na cadeia, pois os cruzamentos são inúmeros.

Note-se que é perfeitamente possível a analogia entre dois elementos se dar por meio de mais de um (*L*); nessa eventual cadeia, esses λόγοι “*logos*” (*LL*) podem ser inéditos ou reiterantes, da mesma forma que a anterior, porém, fundamentalmente, qualquer nova situação se encaixa num dos processos analógicos indicados, ainda que haja necessidade de alguma combinação — o que, aliás, ocorre com frequência. Concluindo, pode-se apresentar o seguinte quadro resumido do processo analógico:

1° = ( $A + L \Rightarrow B$ );

2° = ( $A + B \Rightarrow L$ );

3° = ( $A + B \Rightarrow L$ ).

Depois dessa longa digressão suscitada pelo excerto de Cícero, voltamos aos autores latinos.

### Caio Suetônio Tranquilo

Suetônio (75-160 d.C.), historiador latino, foi secretário particular de Adriano (76-138 d.C.), e dedicou seus últimos anos à preparação de um trabalho enciclopédico sobre a história da linguagem e da literatura. Escreveu sobre a vida de poetas, filósofos, retóricos, historiadores etc.

A passagem a seguir, tirada do *Vida dos Césares* (I, LVI, 5-6), é um exemplo:

5. César deixou dois livros [intitulados] *De analogia* “Sobre a Analogia” e dois outros [intitulados] *Anticatones* “*Anti-Catão*”; além disso, [deixou] um poema que é intitulado *Iter* “*Itinerário*”. 6. Dentre esses livros, os primeiros [fez] durante a travessia dos Alpes, quando se juntava a seu exército que voltava reunido da Gália citerior; os segundos, durante a época da batalha de Munda; o último, durante os vinte e quatro dias que dura de sua cidade à Espanha ulterior.<sup>7</sup> (AILLOUD, 1931, p. 40-41)

7 No original: “5. Reliquit et ‘De analogia’ duos libros et ‘Anticatones’ totidem ac praeterea poema quod inscribitur ‘Iter’. 6. Quorum librorum primos in transitu Alpium, cum ex citeriore Gallia conuentibus peractis ad exercitum rediret, sequentes sub tempus Mundensis proelii fecit; nouissimum, dum urbe in Hispaniam ulteriorem quarto et uicensimo die peruenit.”

Esse extrato se justifica por trazer à tona um famoso fato histórico ligado à questão, qual seja, que César (100-44 a.C.), estadista, historiador e escritor, escreveu dois livros sobre a analogia.

As circunstâncias que envolvem esses livros, como terem sido escritos enquanto se travava uma guerra, que levou à conquista da Gália Transalpina, e o fato de terem se extraviado, poderiam colocar em dúvida a veracidade de sua feitura, porém, as frequentes alusões ao episódio e os comentários de outros autores sobre trechos que teriam sido extraídos deles indicam que César realmente os escreveu.<sup>8</sup>

Informações quanto à abrangência, extensão, profundidade dos escritos, causas que o levaram a dividir o assunto em dois tomos, ou quaisquer outras relacionadas ao feito não podem ser elencadas com precisão, devido à natureza fragmentária e indireta do que restou, contudo, esse material existe e foi útil para o desenvolvimento da gramática.

Inclusive, no tocante a César, citado aqui por Suetônio, Pereira afirma ter sido ser sua intenção “abrir uma biblioteca pública, de cujo arranjo encarregou Varrão” (1989, p. 201). Assim, conquanto breves os comentários que fizemos acerca de Suetônio, julgamos úteis pelo conteúdo histórico-informativo que encerram quanto à analogia.

### **Aulo Gélío**

Aulo Gélío (nascido em 130 d.C.), rica fonte de informação sobre o conhecimento e os estudos de sua época, escreveu sobre literatura, filosofia, dialética, aritmética, direito, história e outras. Suas pesquisas de lexicologia latina contêm várias citações de outros autores, contudo, sem maiores aprofundamentos. Ao abordar a analogia, o fez de maneira bem exemplificada, segundo era seu hábito; vejamos esta passagem, do *Noites Áticas*:

O que os gregos denominem *ἀναλογίαν analogia*, e o que, contrariamente, denominem *ἀνωμαλίαν anomalia*. 1. Em língua latina, assim como em grego, uns julgaram que deve ser seguida a *analogia*; outros, a *anomalia*. 2. *Ἀναλογία* é desvio semelhante dos similares, que, em latim, alguns denominam *proportionem*. 3. *Ἀνωμαλία* é desigualdade dos desvios, é o que segue o costume. 4. Dois ilustres gramáticos gregos, Aristarco e Crates; aquele defendeu com força máxima a *analogia* e, este, a *anomalia*. 5. O livro oito de M. Varrão dedicado a Cícero, *De Lingua Latina*, ensina ser nula a observação dos similares; ostenta que o costume domina quase todas as palavras.<sup>9</sup> (MARACHE, 1978, I, II, XXV, 1-5, p. 129)

Como se vê, esse excerto se resume a duas definições, bastante claras e ilustrativas, que expressam a tendência dos escritores latinos de, com a atenção voltada para as transformações sofridas pelas palavras no discurso, considerarem a analogia como “regularidade”, e a anomalia como “irregularidade”. Também consoante às intenções de Aulo Gélío de informar sobre a contenda grega, o excerto aponta dois dos contendores, Aristarco, analogista, e Crates de Malos, anomalista; ademais, o autor nos fala da dedicatória

8 “[...] Na primeira orientação tinha alinhado Júlio César, que, no meio das suas campanhas, encontrara tempo para defender o princípio da analogia. [...]” (PEREIRA, 1989, p. 210).

9 No original: “Quid Graeci *ἀναλογίαν*, quid contra *ἀνωμαλίαν* uocent. / 1. In Latino sermone, sicut in Graeco, alii *ἀναλογίαν* sequendam putauerunt, alii *ἀνωμαλίαν*. 2. *Ἀναλογία* est similibus similis declinatio, quam quidam Latine ‘proportionem’ uocant. 3. *Ἀνωμαλία* est inaequalitas declinationum, consuetudinem sequens. 4. Duo autem Graeci grammatici illustres, Aristarchus et Crates, summa ope ille *ἀναλογίαν*, hic *ἀνωμαλίαν* defensit. 5. M. Varronis liber ad Ciceronem ‘de Lingua Latina’ octauus nullam esse obseruationem similibus docet inque omnibus paene uerbis consuetudinem dominari ostendit.”

de Varrão a Cícero, sugerindo que, mesmo não sendo gramático, este é parte ativa na controvérsia. Em outras palavras, testemunha o ambiente vivido pelos autores nesse tempo incipiente da língua latina.

Considerando outro aspecto, muito do caráter normativo das gramáticas ocidentais se deve à concepção da linguagem passando ora por um ora por outro desses termos assim compreendidos. Especificamente com relação à analogia, a definição *similium similis declinatio* (“desvio semelhante dos similares”) é mais uma interessante tentativa de expressar o sentido do termo, reforçando sua importância no desenvolvimento e nos estudos da linguagem; além do mais, por colocar no centro da definição o termo *similis* “semelhante”, nos leva a esta digressão:

SEM – I. (i.–e.) um, o que serve para exprimir a identidade. [...]. Gr. 1. [εἶς] (um, só) (por *sem–s*), feminino [\*σμία, μία] (uma), n. [ἕν] (por *sem*) um, [ὁμός] (por *som–os*) [ὄμοιος] uniforme, semelhante, [...] [ἀνωμαλία] anomalia, dessemelhança. [...]. Lat. 2. *similis* (de *sem–ilis*) semelhante.<sup>10</sup> (AUGÉ et al., 1949, s. v.)

Por esse verbete, nota-se que ὁμός, *similis* e “semelhante” têm origem na raiz indo-europeia \*SEM–, e significam a mesma coisa em grego, em latim e em português, em outras palavras, as distâncias formais entre elas são devidas aos metaplasmos. Assim, é possível afirmar que, apesar de frequentemente o termo análogo ser tomado como sinônimo de homólogo, não são exatamente a mesma coisa; por outro lado, é compreensível o fato de serem aproximadas. De qualquer modo, quanto a este artigo, o fragmento de Aulo Gélcio apresenta o termo “semelhança”, que se soma a “comparação” e “proporção” como nucleares nas definições de analogia propostas pelos autores.

Gélcio, *Noites Áticas*:

6. Assim como dizemos, afirma, *lupus lupi* [“lobo, do lobo”], *probus probi* [“probo, do probo”], mas *lepus leporis* [“lebre, da lebre”]; do mesmo modo, *paro parai* [“preparo, preparei”], mas *lauo laui* [“lavo, lavei”]; *pungo pupugi* [“pico, piquei”], *tundo tutudi* [“malho, malhei”], mas *pingo pinxi* [“bordo, bordei”]. 7. Em todos os casos, diz, de *ceno* [“janto”], *prandeo* [“almoço”], *poto* [“bebo”]; dizemos não só *cenatus sum* [“estou jantado, jantei”], como também *pransus sum* [“estou almoçado, almocei”] e *potus sum* [“estou bebido, bebi”]; todavia, de *destringor* [“sou preparado”], *extergeor* [“sou enxuto”] e *lauor* [“sou lavado”]; dizemos *distrinxi* [“separei”], *extersi* [“enxuguei”], e *laui* [“lavei”]. 8. Do mesmo modo, dizemos: *Oscos* [“oscanamente”], *Tuscos* [“tuscanamente”], *Graecos* [“gregamente”]; todavia, dizemos: *Gallos* [“gaulesmente”] e *Mauros* [“mauritanesmente”], e *Gallices* [“gaulesmente”], *Maurices* [“mauritanesmente”]. Do mesmo modo, de *probus* [“probo”], *probe* [“probiamente”]; de *doctus* [“douto”], *docte* [“doutamente”]; mas de *rarus* [“raro”] não se diz *rare*, mas uns dizem *raro* e outros dizem *rarenter* [“raramente”].<sup>11</sup> (MARACHE, 1978, I, II, XXV, 6-8, p. 129-130)

10 No original: “SEM– I. (i.–e.) un, servant à exprimer l’identité. [...]. Gr. 1. [εἶς] (pour *sem–s*), f. [\* σμία, μία], n. [ἕν] (pour *sem*) un, [ὁμός] (pour *som–os*) [ὄμοιος] pareil, [...] [ἀνωμαλία] inégalité. [...]. Lat. 2. *similis* (de *sem–ilis*) semblable.”

11 No original: “6. Sicuti cum dicimus, inquit, ‘lupus lupi’, ‘probus probi’ et ‘lepus leporis’, item ‘paro parai’ et ‘lauo laui’, ‘pungo pupugi’, ‘tundo tutudi’ et ‘pingo pinxi’. 7. Cumque, inquit, a ‘ceno’ et ‘prandeo’ et ‘poto’, et ‘cenatus sum’ et ‘pransus sum’ et ‘potus sum’ dicamus, a ‘destringor’ tamen et ‘extergeor’ et ‘lauor’, ‘distrinxi’ et ‘extersi’ et ‘laui’ dicimus. 8. Item cum dicamus ab ‘Oscos’, ‘Tuscos’, ‘Graecos’, ‘Osces’, ‘Tusces’, ‘Graeces’, a ‘Gallos’ tamen et ‘Mauros’, ‘Gallices’ et ‘Maurices’ dicimus; item a ‘probus’, ‘probe’, a ‘doctus’, ‘docte’, sed a ‘rarus’ non dicitur ‘rare’, sed alii ‘raro’ dicunt, alii ‘rarenter’.”

Basicamente, esse longo excerto que separamos apresenta uma lista de palavras que sugere a intenção do autor de seguir na linha de Varrão, no sentido de deixar de lado a contenda entre analogistas e anomalistas; com efeito, ao dispor lado a lado pares de palavras com determinadas características semelhantes, que comprovam a ocorrência da analogia, como *lupus lupi* e *probus probi* (nominativo e genitivo, masculino, singular da 2ª declinação),<sup>12</sup> cotejadas com *lepus leporis* (nominativo e genitivo, masculino, singular da 3ª declinação), que apontam para a ideia de anomalia, Aulo Gélío está defendendo que os dois princípios são válidos e produtivos. Essa defesa fica ainda mais evidente quando, por exemplo, partindo do adjetivo *rarus*, que, seguindo o paradigma da 2ª declinação, tem seu ablativo (advérbio de modo) em /o/ *raro* paralelo a *rarenter*.

É nítido que o autor tem o firme propósito de defender os dois lados, inclusive, desconsiderando princípios metodológicos já estabelecidos, pois para falar em analogia e anomalia é mister que, em se tratando de nomes, sejam cotejados aqueles pertencentes à mesma declinação; de verbos, aqueles da mesma conjugação; e assim por adiante.

9. Daí, M. Varrão no mesmo livro: *Sentior*, afirma, que ninguém diz, e isso por si só não é nada; *adsentior* [“dou assentimento, aprovo”], todavia, geralmente todos dizem. Um certo Sisena dizia *adsentio* [“dou assentimento”] no senado e, depois disso, muitos o seguiram; no entanto, não puderam vencer o costume. 10. Mas o próprio Varrão, em outros livros, escreveu muito em favor da *anomalia*. 11. Portanto, é como que um certo tipo de lugar comum falar contra a *analogia* e, do mesmo modo, pelo contrário, falar a favor da *analogia*.<sup>13</sup> (MARACHE, 1978, I, II, XXV, 9-11, p. 130)

Quanto a esse último trecho do autor, é interessante o exemplo apresentado. O dicionário que utilizamos, Saraiva (2006, s. v.), atesta a confusão em torno da escolha das formas; de fato, esse morfema /r/ sugere voz passiva, contudo, é exatamente por isso que os analogistas propõem critério quando se discute a questão, e esse critério reza que os termos cotejados sigam os mesmos paradigmas.

## Considerações finais

Outros excertos dos autores poderiam ter sido explorados neste trabalho, todavia, nosso propósito era, sobretudo, apontar a produtividade do tema no período inicial do latim.

Com efeito, na esteira de Varrão, que deixou de lado a querela entre estoicos e alexandrinos para dedicar-se ao trabalho epistemológico de sistematizar a língua de Roma, os autores aqui destacados tampouco se ocuparam com a contenda, antes apenas registraram-na, dando testemunho de sua existência sem maiores preocupações, ou, até, de maneira tendenciosa — inclusive, no caso de Aulo Gélío, seus escritos apontam certa intenção de levar o leitor a partilhar da ideia de sua irrelevância.

12 Convém observar que *lupus* é um substantivo e *probus* é um adjetivo, o que não vem a ser um problema.

13 No original: “9. Inde M. Varro in eodem libro: “Sentior, inquit, nemo dicit et id per se nihil est, ‘adsentior’ tamen fere omnes dicunt. Sisenna unus ‘adsentio’ in senatu dicebat et eum postea multi secuti, neque tamen uincere consuetudinem potuerunt”. / 10. Sed idem Varro in aliis libris multa pro ἀνωμαλίαν tuenda scripsit. 11. Sunt igitur ii tamquam loci quidam communes, contra ἀναλογία, dicere et item rursum pro ἀναλογία.”



Comparativamente ao todo, pouco vimos; todavia, pensamos ter sido o suficiente para auferirmos uma noção satisfatória da história do termo analogia no Período Romano, passando por autores de diferentes áreas, porém, áreas afins.

Como não poderia deixar de ser, a influência de Varrão sobre os autores que vimos é nítida, o que é natural, seja por ter sido ele o primeiro gramático da língua latina, seja pelo caráter epistemológico de sua obra, enfim, seu legado é inestimável.

Quanto à analogia, foi um conceito caro aos antigos; fundamental, por exemplo, para os neogramáticos do século XIX; e ainda produtivo nos estudos linguísticos atuais.

## REFERÊNCIAS

AILLOUD, H. *Suétone – vies des douze Césars*. Paris: Les Belles Lettres, 1931. [tome I: “César – Auguste”].

BAILLY, É. *Cicéron – letters a Atticus*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1937. [tome I, livres I-VI].

CARVALHO, A. C. S. O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1244-1253, set./dez. 2013.

d'HAUTERIVE, G. R. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Librairie Larousse, 1949.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine – histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

MARACHE, R. *Aulu-Gelle – les nuits attiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1978. [tome I, livres I-IV].

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

PAGLIARO, A. *Sommario di linguistica arioeuropea*. Roma: “L’Universale” Tipografia Poliglotta, 1930. [v. I: “Cenni Storici e Questioni Teoriche”].

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica: cultura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. [v. II].

ROMANELLI, R. C. *Os prefixos latinos – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

SANDYS, J. E. *A short history of classical scholarship – from the sixth century B.C. to present day*. Cambridge: University Press, 1915.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.* Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale.* Paris: Payot, 1969.

TEUBNER, D. B. *De divinatione / De fato / Timaeus.* M. Tulli Ciceronis. Stutgardiae: B. G. Teubneria, 1965. [v. 19, Fasciculus 46 – Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana].